

ANÁLISE SOBRE O MERCADO DE TABACO: NO RIO GRANDE DO SUL¹

ANALYSIS OF THE TOBACCO MARKET: IN RIO GRANDE DO SUL

Dyonan Daniel de Castro Loureiro²
Leonardo Xavier da Silva³

RESUMO

Este estudo tem por objetivo analisar o mercado de tabaco no Brasil, com ênfase na importância econômica do setor no estado do Rio Grande do Sul. A metodologia aplicada para o presente artigo teve como base autores e pesquisadores da área, e utilização para a análise de dados, os sindicatos, entidades e organizações relevantes. A pesquisa se valeu de dados econômicos, sociais e produtivos do setor. A análise de mercado revela que o setor fumageiro, composto pela Philip Morris International, British American Tobacco, Japan Tobacco International e China National Tobacco Corporation pode ser caracterizado por um oligopólio, onde poucas empresas de grande porte controlam maior parte do mercado através de economias de escala e estratégias de marketing diversificadas, criando barreiras significativas à entrada de novos competidores. O Brasil é um dos maiores produtores e exportadores de tabaco no mundo, sendo o Rio Grande do Sul o maior produtor e exportador, contribuindo com 42% da produção nacional da *commodity* e 11,2% do total das exportações do estado gaúcho. Os principais resultados indicam que, apesar da importância econômica do tabaco, o setor enfrenta desafios significativos, como as enchentes de maio de 2024, que resultaram em prejuízos iniciais estimados em mais de R\$95 milhões, afetando 75 municípios produtores. A principal contribuição deste estudo reside na compreensão das vulnerabilidades e resiliências dos produtores do setor de tabaco frente a eventos climáticos extremos, além de fornecer *insights* sobre a necessidade de analisar a sustentabilidade a longo prazo do setor e a mitigação dos impactos negativos do consumo de tabaco.

Palavras-chave: Tabaco. Economia Rural. Rio Grande do Sul. Relevância Econômica.

ABSTRACT

This study aims to analyze the tobacco market in Brazil, with an emphasis on the economic importance of the sector in the state of Rio Grande do Sul. The methodology applied for this article was based on authors and researchers in the field, and for data analysis, relevant unions, entities, and organizations were utilized. The research relied on economic, social, and productive data from the sector. The market analysis reveals that the tobacco sector, composed of Philip Morris International, British American Tobacco, Japan Tobacco

¹ Trabalho de Conclusão de Curso apresentado, em 2024/1, ao Departamento de Economia e Relações Internacionais da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Ciências Econômicas.

² Estudante de graduação no curso de Ciências Econômicas. (dyonanloureiro@gmail.com).

³ Orientador. Doutor em Economia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestre em Economia Rural pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor do Departamento de Economia e Relações Internacionais (DERI) da UFRGS e do PGDR-UFRGS. (leonardo.xavier@ufrgs.br).

International, and China National Tobacco Corporation, can be characterized as an oligopoly, where a few large companies control most of the market through economies of scale and diversified marketing strategies, creating significant barriers to entry for new competitors. Brazil is one of the largest producers and exporters of tobacco in the world, with Rio Grande do Sul being the largest producer and exporter, contributing 42% of the national production of the commodity and 11.2% of the total exports of the state. The main results indicate that despite the economic importance of tobacco, the sector faces significant challenges, such as the floods of May 2024, which resulted in initial estimated losses of over R\$95 million, affecting 75 producing municipalities. The main contribution of this study lies in understanding the vulnerabilities and resilience of tobacco producers in the face of extreme climatic events, as well as providing insights into the need to analyze the long-term sustainability of the sector and mitigate the negative impacts of tobacco consumption.

Keywords: Tobacco, Rural Economy, Rio Grande do Sul, Economic Relevance

1 INTRODUÇÃO

O tabaco é uma cultura de origem sul americana apreciada pelos povos originários desde antes da Era das Navegações. Tal tradição se mantém até os dias atuais, com sua demanda possibilitando a consolidação da indústria tabagista no Brasil, principalmente, através da produção do cigarro. De fato, a importância do tabaco está tão impregnada na sociedade brasileira que se encontra presente no brasão de Armas da República um ramo de tabaco perfilado em conjunto com o do café (Sinditabaco, 2024i).

O mercado de tabaco tem desempenhado um papel significativo na economia global por séculos, moldando práticas comerciais, políticas fiscais e dinâmicas sociais. O setor do tabaco é responsável por três principais produtos: a folha de tabaco, o tabaco processado, ou triturado, e o tabaco enrolado em cigarro (OEC, 2024).

No Brasil, a indústria de tabaco aproveita a matéria prima em dois segmentos: o primeiro, sendo caracterizado como o Processamento Industrial de Fumo (CNAE 2.0, classificação 12.1), responsável pelo suprimento agrícola, e pela organização e comercialização da *commodity* aos fabricantes de cigarros e de outros artigos de fumo, tais como rapé, fumo de mascar e charutos; o segundo, também definido pela CNAE 2.0, é caracterizado pela Fabricação de Produtos de Fumo (classificação 12.2), sendo o responsável pela produção dos cigarros e demais artigos de fumo.

O cultivo do tabaco no país gera trabalho e renda para mais de 500 mil pessoas no campo, além de outras 40 mil empregadas diretas nas indústrias. Aproximadamente 125 mil produtores do campo cultivam o tabaco no país. A cultura impacta fortemente a balança comercial, já que cerca de 90% da sua produção é destinada à exportação (Afubra, 2023a).

Conforme informações levantadas pelo Sindicato da Indústria do Tabaco da Região Sul do Brasil (SindiTabaco), o Brasil nos últimos 30 anos tem um papel de liderança na produção e exportação da *commodity*. Durante a safra de 2022/2023, as exportações brasileiras ultrapassaram a marca das 512 mil toneladas, acumulando divisas de US\$2,73 bilhões. O produto foi destinado principalmente para a Europa e Ásia Oriental, simbolizando 42% e 31% do valor transportado, respectivamente. Entre

os maiores importadores do produto nacional estão a Bélgica, China, Estados Unidos e Indonésia. Quando analisada a média de exportações nacionais entre 2018 e 2023, a média anual ultrapassa as 500 mil toneladas. Tal patamar se traduz na geração de divisas superiores a US\$2 bilhões por ano (Sinditabaco, 2023a).

O cerne da produção tabagista no Brasil está localizado na região Sul, mais precisamente nos estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul (RS). Em conjunto, tais territórios são responsáveis por 95% da produção brasileira e por 97% de sua exportação. O Rio Grande do Sul é o maior produtor e exportador de tabaco do país. 42% da produção nacional são atribuídas ao estado, enquanto que, 84% das exportações são oriundas deste, com a cultura representando 11,2% de todos os produtos exportados pelo estado, sendo superada apenas pelo grão e farelo de soja (Sinditabaco, 2023a).

Contudo, em maio de 2024 o estado do Rio Grande do Sul foi atingido por fortes chuvas que acabaram por deixar milhares de pessoas desabrigadas, algumas centenas de municípios foram atingidos e milhões de hectares de lavoura tiveram perdas em suas safras, entre elas o tabaco. Como exposto acima, sendo o RS o estado com a maior porção da produção de tabaco no país, o impacto das enchentes para a cadeia produtiva chegou a R\$95 milhões de perdas financeiras para os produtores (Sinditabaco, 2024j). Dessa forma, o presente artigo tem como objetivo, inicialmente, traçar um panorama sobre o setor de tabaco no país como um todo e em seguida elaborar uma análise sobre o impacto das chuvas, que decorreu no meio do mês de maio de 2024, no setor tabagista e como possivelmente pode afetar a economia no Rio Grande do Sul.

O trabalho é composto de cinco seções, além desta introdução. Em um primeiro momento, é traçado um panorama da indústria de cigarro em sua integridade, para em seguida, na seção 3 como o setor fumageiro se comporta a indústria do tabaco no Brasil. Na seção 4, uma análise mais profunda do papel e estrutura do Rio Grande do Sul dentro dessa indústria. Mediante isso, na seção 5 são analisadas as percepções e os resultados decorridos frente às cheias que devastaram o estado gaúcho em maio de 2024, para, por fim, na seção 6, apresentar as considerações finais sobre o trabalho.

2 ANÁLISE DO MERCADO DE TABACO

O tabaco é um produto originário do continente americano. Com a chegada dos espanhóis, em torno do século XV, seu consumo foi gradativamente disseminado, primeiro entre os países europeus, e a seguir entre as demais nações, dando início a um importante mercado internacional. A economia industrial do mercado de tabaco foi determinada pela concentração de um pequeno grupo no âmbito mundial. No contexto específico da indústria de cigarros, esse fenômeno se manifestou de maneira proeminente, com grandes corporações exercendo um relevante domínio sobre o mercado (Nardi, 1996).

Segundo Boeira (2002), o mercado de cigarros foi dominado por grandes *players*, que por sua vez, possuíam diversas marcas em seu portfólio, o que lhes possibilitou penetrar neste mercado altamente concorrido. As empresas que se destacaram nesse escopo foram: a Philip Morris International, British American Tobacco e Japan Tobacco International, líderes com uma relevante presença no

mercado, possuindo recursos financeiros substanciais e diversas redes de distribuição globais.

Ao se analisar a diversidade de submarcas dentro destas empresas, foi possível se deparar com nomes presentes há décadas no mercado, e cada uma segmentada para atingir um determinado público-alvo. Foram observadas desde as marcas mais icônicas, como Marlboro e Camel, até as opções *premium* disponíveis dentro dos seus portfólios, como Dunhill e Davidoff (Boeira, 2002). O foco destas empresas foi oferecer uma gama de variedades aos seus consumidores. Contudo, também existiu a estratégia de migração, uma adaptação da logo marca. Como por exemplo, a troca de nome do Hollywood para Lucky Strike.

Embora este mercado tenha sido altamente rentável, a barreira de entrada para novos *players* foi um obstáculo relevante. Um alto custo de produção e distribuição, bem como as barreiras regulatórias, tal como as restrições à publicidade e as regulamentações de embalagens, levaram os “pequenos peixes” a terem grandes dificuldades em implementar e escalonar as suas marcas. Ademais, as empresas que já estavam consolidadas no mercado empregaram estratégias agressivas para manter sua posição dominante, tornando inviável a implementação de novos competidores neste mercado (Boeira, 2022).

Jacobs *et al.* (2000) em seu trabalho relatam que os estudos elaborados pela indústria do tabaco trazem resultados significativos referentes à riqueza gerada pelo setor, garantindo um elevado número de trabalhadores diretos e indiretos na indústria, fora os impostos arrecadados, mediante a comercialização e exportação da *commodity*. Contudo, de acordo com os autores, os estudos independentes contestam tais resultados. Por mais que o setor seja relevante no âmbito mundial, se no cálculo da riqueza produzida a receita da arrecadação fosse realocada em consideração os ex-fumantes, notaria-se que os demais setores também seriam beneficiados. Isso se deve ao fato de que, ao abandonar o hábito do tabagismo, seus antigos consumidores tendem a procurar novos hábitos para suprir tal mudança.

Segundo Viscusi (1994), consumidores de menor nível socioeconômico, parcela maior da população, tendem a consumir as marcas de cigarro de sua preferência, gastando um percentual maior de sua renda, do que em comparação aos de melhor situação socioeconômica. Entretanto, a introdução de um tributo regressivo pode levar a população de mais baixa renda a ficar ainda mais pobre, pois, em comparação com a maioria dos países, a demanda de cigarro é inelástica no Brasil. Ademais, a redução no consumo do produto será em menor magnitude do que o aumento na tributação, gerando assim, uma perda de bem-estar para os consumidores.

Andando próximo a era de ouro do marketing, aproximadamente no final da década de 1980, a estratégia da indústria do tabaco era disseminar a ideia de que fumar era sinônimo de poder, sucesso e prestígio. No período, o cigarro era classificado como um bem normal, isto é, sua demanda varia concatenadamente conforme a renda de seu consumidor é impactada, de forma positiva ou negativa. Analisando o decorrer das últimas décadas, é possível observar a queda em seu consumo à medida que a renda aumenta, caracterizando-o, por grande parte dos autores, como um bem inferior (Chaloupka, 2000). Segundo Buainain (2009), por mais que o setor necessita de uma forte estrutura de capital, independentemente do tamanho, isso não constitui uma barreira para novas empresas interessadas em

ingressar no setor. O cerne do problema se encontra no acesso aos canais de distribuição, às economias de escala e às desvantagens de custo.

2.1 ECONOMIA DE ESCALA DO OLIGOPÓLIO TABAGISTA

As economias de escala, com base em Porter (1999), estão relacionadas aos benefícios de custo que uma empresa obtém ao aumentar a sua produção. No setor do tabaco, essas economias podem ser particularmente significativas, dadas as características que visa reduzir os custos à medida que a produção aumenta, tendo no processo produtivo a utilização ao máximo todas as suas etapas e buscando negociar as safras anteriormente a sua produção em busca de um “maior” volume negociado, levando a preços mais baixos para o arroba do tabaco. Segundo Porter (1999), isso pode ser um dos principais obstáculos, pois os novos participantes do setor necessitam ingressar no mercado com uma produção muito elevada para competir frente à tradição e fidelidade das marcas, ou aceitar uma desvantagem referente ao preço e sua margem de lucro.

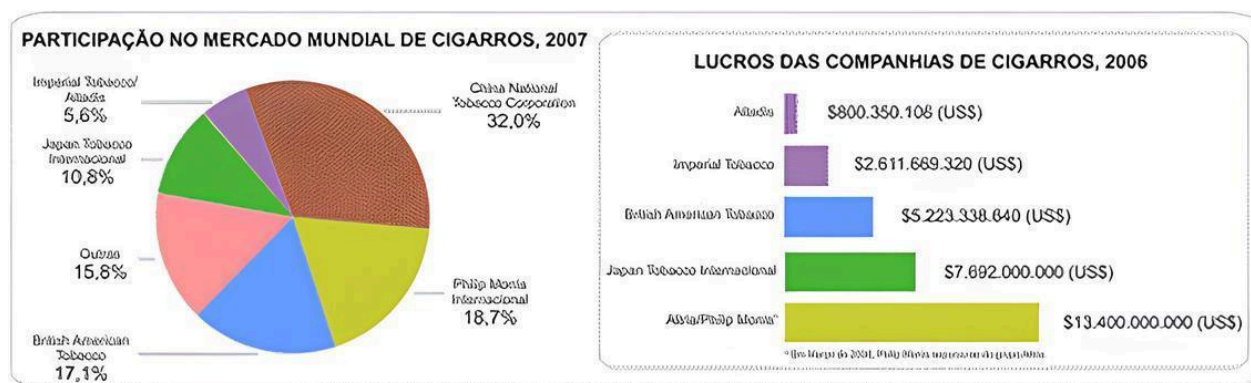
A produção de tabaco é oriunda do campo, onde vários hectares de terras são destinados para o cultivo da planta. No Brasil, o preço comercializado pela *commodity* é negociado entre o Sindicato da Indústria da Indústria do Tabaco da Região Sul (Sinditabaco) e a Associação de Fumicultores do Brasil (Afubra), analisando a sua classificação e com base em pesquisas realizadas pelas duas entidades. Os grandes produtores têm a vantagem de poder negociar melhores preços para insumos agrícolas como: sementes, fertilizantes e pesticidas, devido ao volume de suas compras. Ademais, o processo de industrialização dos grandes *players* decorre na mecanização e na eficiência operacional em grandes fazendas, reduzindo os custos da sua produção.

O modelo de sistema de produção no território brasileiro é o Sistema Integrado de Produção de Tabaco (SIPT), por mais que ele funcione no Brasil, não quer dizer que seja melhor, e que seja fácil adentrar nele. A premissa deste sistema é que os produtores têm o suporte de assistência técnica e financeira, obtendo a certeza da venda de seus produtos a preços a rentabilidade aceitáveis. Já no caso das empresas, vem a certeza de fornecimento de matéria-prima, passando critérios de controle de qualidade e quantidade previamente especificados, tendo a previsão de parâmetros com custos aceitáveis para suas vendas (Adil, 2003). Logo, “[...] dos efeitos da curva de aprendizagem (e sua prima irmã, a curva de experiência), da tecnologia exclusiva, do acesso às melhores fontes de matéria-prima, dos ativos adquiridos a preços anteriores à inflação, dos subsídios governamentais ou da localização favorável” (Porter, 1999, p. 30-31).

O sistema de economias em escala pode fazer com que algumas empresas do setor não sejam lucrativas, pois as patentes e o acesso à tecnologia podem barrar potenciais concorrentes. E o investimento para um novo produto, ou marca mais conhecida, frente às dificuldades de um mercado oligopolista, pode ser muito alto. Além de tais barreiras, as firmas integrantes do oligopólio podem adotar ações estratégicas a fim de desencorajar a entrada de novas empresas no setor, como manipular a oferta de um produto, reduzindo o preço estabelecido no mercado e elevar o seu juntamente a sua capacidade produtiva, impossibilitando a entrada e a permanência de um novo *player* (Pindyck; Rubinfeld, 2005).

O setor do tabaco é dominado por um oligopólio composto por empresas globais, como: Philip Morris International, British American Tobacco, Japan Tobacco International, Imperial Brands, Altria Group e China National Tobacco Corporation. Essas empresas se beneficiam significativamente das economias de escala, levando a concentração de poder econômico e de mercado, que lhes permitem reduzir custos unitários ao aumentar a produção, operando com alta eficiência e competitividade, assim como pode ser analisado na figura a seguir.

Figura 1 - Participação dos *player* no mercado mundial 2006/2007



Fonte: Silveira; Dornelles (2010).

Segundo Silveira e Dornelles (2010), a concentração de mercado mundial dos cigarros, pelas cinco maiores empresas, em uma análise realizada em 2007, ultrapassou 80%. A China National Tobacco Corporation tem predominância no mercado do seu país, com 32%. A Philip Morris International obteve lucros expressivos no ano de 2006 na casa dos US\$13,4 bilhões, indicando se tratar de um setor altamente rentável.

Segundo Porter (1999), à medida que a economia de escala ultrapassa os limites dos mercados nacionais, as empresas podem obter vantagens de custo por meio da produção centralizada e da competição global. Em certos casos, a verticalização torna-se imperativa para alcançar economias de produção em uma escala global, uma vez que a produção verticalizada supera os limites dos mercados internos. Nesse contexto, a obtenção de economias de produção implica necessariamente em movimentos de exportação entre diferentes países. As empresas que competem globalmente podem obter uma vantagem de custo em relação à economia logística de escala, já que os custos fixos da logística podem ser distribuídos ao atender diversos mercados (Porter, 1999).

No entanto, essa vantagem de custo pode ser afetada pelo poder de negociação dos fornecedores e clientes. Os fornecedores podem aumentar os preços das matérias-primas ou reduzir a qualidade dos materiais ou serviços fornecidos, pressionando as margens de lucro das empresas que não conseguem repassar esses custos. Conseqüentemente, os clientes têm o poder de exigir maior qualidade, melhores condições oferecidas por concorrentes, ou investimentos em novas tecnologias e serviços. Essas demandas podem forçar as empresas a ajustarem suas

estratégias para garantir sua fatia de mercado, impactando suas economias de escala e rentabilidade global (Porter, 1999).

As empresas do setor do tabaco têm como objetivo aumentar o capital para atender às demandas do mercado, garantindo a sua posição e otimizando os seus lucros. Segundo as ideias da economia dos custos de transação, que tem como intuito a redução dos custos envolvidos na realização de transações econômicas, como: negociação, execução e cumprimento de contratos, por meio de mecanismos eficientes, tecnologias ou estruturas organizacionais que facilitam a troca de bens e serviços. A estratégia adotada foi unir-se aos concorrentes, já que destruí-los não era viável e a concorrência entre várias pequenas empresas poderia ser desastrosa. Em vez disso, a fusão de diversas empresas criou uma nova organização de maior porte, fortalecendo sua posição competitiva em um mercado aberto ao capital estrangeiro e gerando economias de escala (Silva, 2002).

2.2 BARREIRAS DE ENTRADA

Poucas empresas controlam a maior parte da produção e distribuição global de tabaco e cigarros. Os principais players incluem Philip Morris International, British American Tobacco (BAT), Japan Tobacco International e Imperial Brands. No ambiente de mercado atual, caracterizado pela crescente abertura e dominado pelo oligopólio das multinacionais processadoras de tabaco, as empresas locais e regionais frequentemente enfrentam dificuldades para promover novos investimentos na ampliação da produção, produtividade e qualidade de seus produtos (Van Lient, 2002; Boeira, 2002).

Entre as décadas 2000 e 2010, a BAT, através de sua subsidiária Souza Cruz, no Brasil, consolidou o seu domínio do mercado nacional, controlando 75% do *market share* de tabaco brasileiro. O restante é compartilhado entre a Philip Morris Brasil, encabeçada pela Philip Morris International, com 15% do mercado e o restante das empresas de pequeno e médio porte (Rubem *et al.*, 2014).

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), o Brasil é um dos países que participa da Convenção-Quadro para o Controle do Tabaco (CQCT), um tratado internacional promovido com a intenção de reduzir a demanda e a oferta de tabaco através de diversas medidas, como aumento de impostos, proibição de publicidade, promoção de ambientes livres de tabaco e apoio a programas de cessação do tabagismo (Brasil, 2022).

O Brasil elaborou a lei que alterou os dispositivos da Lei nº 9.294, de 15 de julho de 1996, que dispõe sobre as restrições ao uso e à propaganda de produtos fumígenos (Brasil, 2000). A Lei nº 10.167/2000 considera infrator, toda e qualquer empresa ou indivíduo pessoa física, responsável pela divulgação da peça publicitária ou pelo respectivo veículo de comunicação, sendo de forma direta ou indireta. Podendo haver multa conforme a capacidade econômica do infrator. A lei tem como intuito reforçar a proibição de publicidade de produtos de tabaco, inclusive na televisão, rádio, revistas, jornais, outdoors e internet. A Lei nº 12.546/2011 proíbe a propaganda comercial no país de cigarros, cigarrilhas, charutos, cachimbos ou qualquer outro produto fumígeno, derivado ou não do tabaco. A exposição no ponto de venda é a única forma permitida de propaganda para este tipo de produto (Brasil, 2011).

Segundo Buainain e Souza Filho (2009), ao analisar o fim do século XX e, o início do século atual, acerca do consumo mundial de tabaco, é notável que seu setor vem sendo condicionado pelas normas e dispositivos legais governamentais, responsabilizando as empresas em razão dos efeitos advindos do tabagismo contrários à saúde pública. Para os autores, a questão do crescimento da tributação sobre o consumo do tabaco, predominantemente os cigarros, levou à elaboração de normas e dispositivos legais de restrição à produção, à comercialização e à publicidade e propaganda de produtos do tabaco, fora a diminuição da aceitação social do tabagismo.

Em 1995, um documento interno da empresa Philip Morris International (PM) advertia com 'alarde' que os impostos 'deprimem de maneira severa' o volume de vendas de tabaco. Por sua vez, a empresa British American Tobacco (BAT) havia assinalado dois anos antes que "[...] o aumento dos impostos, que reduzem o consumo, pode significar a destruição da vitalidade da indústria do tabaco" (Armendares; Shigematsu, 2006, p.168).

Jha e Chaloupka (2000) afirmam que a elevação de impostos impacta diretamente no consumo de cigarros, e que esta é a intervenção mais eficaz quando o objetivo é reduzir a demanda por derivados de tabaco. Segundo os autores, estudos conduzidos em países de alta, média e baixa renda indicam que o aumento de preços pode reduzir significativamente o uso do tabaco. Segundo dados da OMS (1999), uma elevação nos tributos que aumente o preço real dos cigarros em 10% reduziria o consumo em cerca de 4%, em países desenvolvidos, e em cerca de 8%, em países em desenvolvimento. No Brasil, atualmente, a alíquota geral é de aproximadamente 64%, valor compatível com a dos países desenvolvidos, que empregam políticas antitabagistas bem rígidas. Adicionalmente, a tributação sobre os derivados de tabaco pode ajudar a compensar os custos de saúde impostos pelos fumantes aos demais cidadãos (Jha; Chaloupka, 2000).

Para Ross e Chaloupka (2006), é fundamental o papel do governo no controle do consumo de tabaco para levar informação e consciência acerca dos riscos associados ao hábito de fumar. De acordo com Nascimento (2012), ao analisar as medidas antitabagistas existentes, destaca-se a política fiscal relacionada à cadeia produtiva do tabaco, especialmente no que se refere à fabricação e comercialização de seus derivados, como o cigarro. Conseqüentemente, considerando as diferentes formas de regulação da economia, a tributação é a mais utilizada pela maioria dos economistas e formuladores de políticas públicas para impor maior controle sobre o setor tabagista.

3 A INDÚSTRIA DO TABACO NO BRASIL

O cultivo do tabaco faz parte da história brasileira, contribuindo para o desenvolvimento das regiões produtoras, além de destacar o país no cenário internacional. O Brasil dispõe de fatores de produção determinantes para a competitividade no setor. São eles: terras férteis e aráveis, água em abundância, clima favorável, mão de obra barata e um relevante nível de mecanização e pesquisa agropecuária (Hilsinger, 2016).

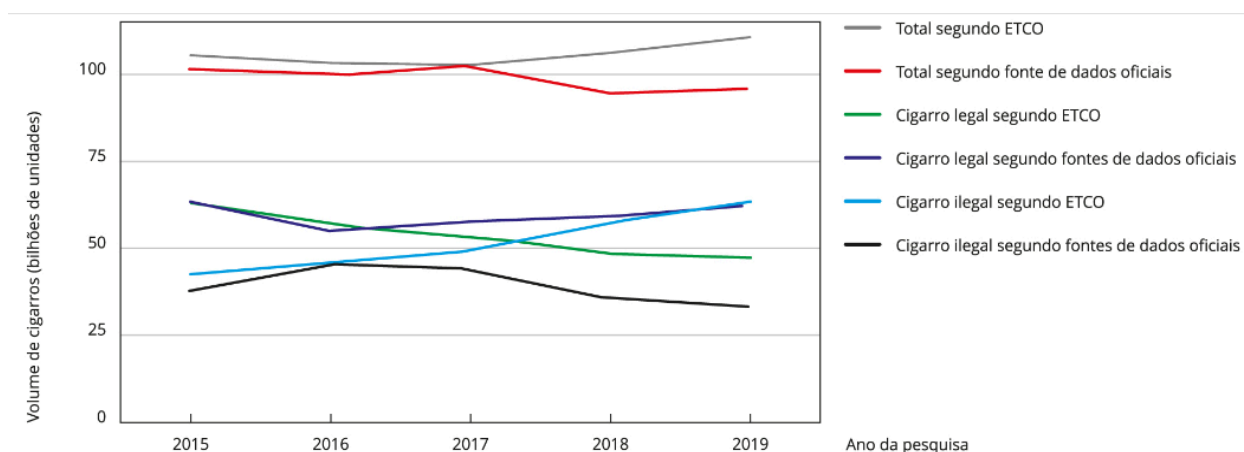
Segundo Beling (2006), não apenas no Brasil, mas também nos demais países produtores, o tabaco é observado como um difusor de tecnologias para outras

culturas, o que contribui para o aumento dos níveis de produtividade, aprimoramento das práticas de cultivo e conservação do solo em setores de destaque, como o do arroz, do milho e do feijão.

O Brasil também se destaca no cenário internacional através de sua Política Nacional de Controle de Tabaco, na qual estão integradas às diretrizes da Convenção-Quadro para o Controle do Tabaco da Organização Mundial da Saúde (CQCT-OMS), ratificada nacionalmente há mais de 15 anos (Decreto nº 5.658 de 2006). Mesmo sendo um dos líderes em número de fumantes, entre 1990 e 2015, o país registrou uma substancial redução deste indicador entre homens e mulheres: 56,5% e 55,8%, respectivamente (Pinto *et al.*, 2015).

Por outro lado, o consumo dos produtos oriundos do tabaco ainda possui forte relevância no mercado ilícito pois, no decorrer dos últimos anos, o mercado ilegal de cigarros veio abastecendo significativamente o território nacional, elevando o consumo do produto no país de 2016 a 2019, segundo a figura 2. Ao mesmo tempo, segundo pesquisa do Instituto Brasileiro de Ética Concorrencial (ETCO), segundo as fontes de dados oficiais, os cigarros clandestinos tiveram a maior queda nas suas vendas em seis anos.

Figura 2 - Estimativa do consumo de cigarros (total, legal e ilegal)



Fonte: Instituto Brasileiro de Ética Concorrencial (2015-2019).

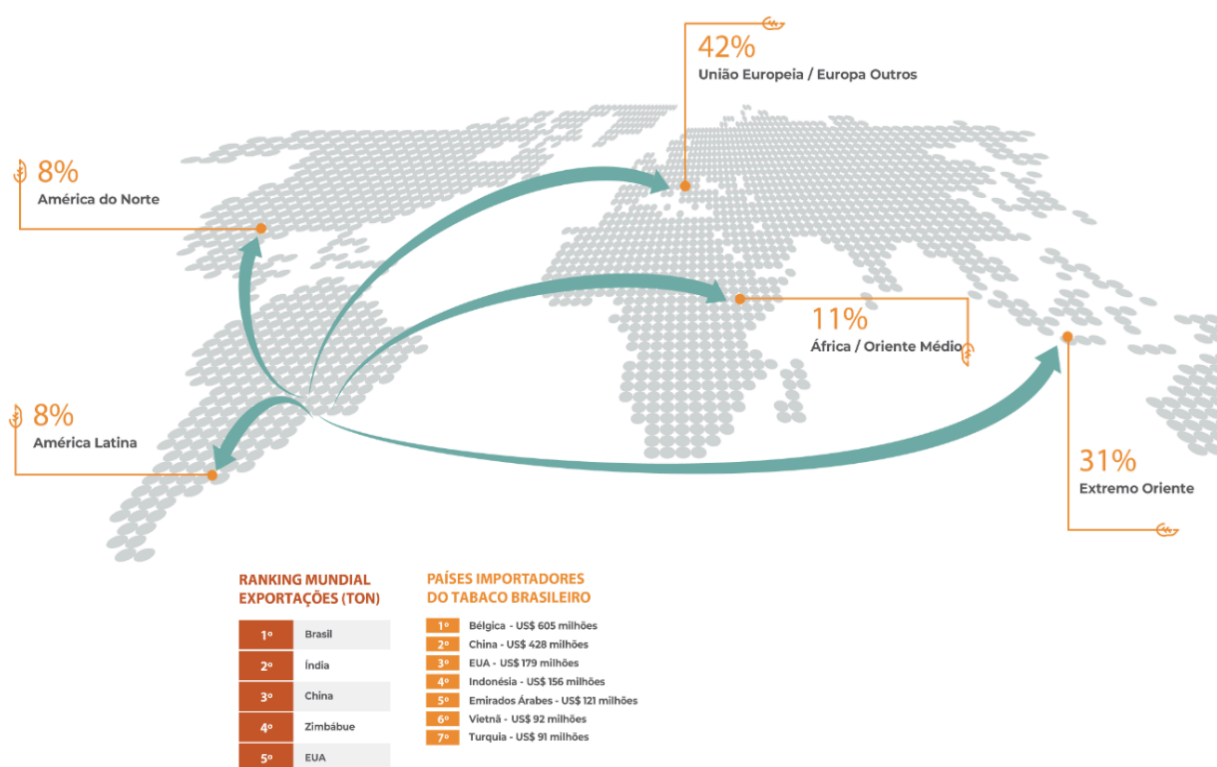
Com base em dados oficiais do governo brasileiro, o volume de cigarros ilegais teve uma redução de 45,1 para 33,2 bilhões de unidades (ETCO, 2019). Já a produção e importação de cigarros legais para consumo doméstico aumentou entre 2016 e 2019, de 54,9 para 62,7 bilhões de unidades. O volume total de cigarros circulantes no país, usando dados oficiais, sofreu uma queda entre 2015 e 2019 de 5,6 bilhões de unidades. Quando analisados os dados levantados pelo ETCO sobre o volume de cigarros circulantes, frente a estimativa do produto pelas fontes governamentais para o período, os valores encontrados pela ETCO são mais elevados, chegando a uma diferença de 14,8 bilhões de unidades a mais em 2019 (ETCO, 2019).

Desde meados da década de 1980, o aumento do consumo de cigarros e a evidência de sua relação com diversas doenças e, prejuízos à saúde, motivaram muitos países, sendo o Brasil um deles, a viabilizar campanhas e políticas públicas

contra o tabagismo. Entretanto, o comércio do tabaco segue relevante, frente ao mercado mundial. Isso evidencia a força econômica e a habilidade política das multinacionais em suas relações com os governos nacionais e locais. (Silveira; Dornelles, 2010).

Ademais, no decorrer da década de 1990, o país registrou uma crescente na produção e na exportação da *commodity*, principalmente quando se é analisado os últimos anos. Segundo o SindiTabaco (2023b), o Brasil atualmente é o maior exportador de tabaco no mundo, seguido da Índia, China, Zimbábue e os Estados Unidos.

Figura 3 - Exportações brasileiras de tabaco 2023



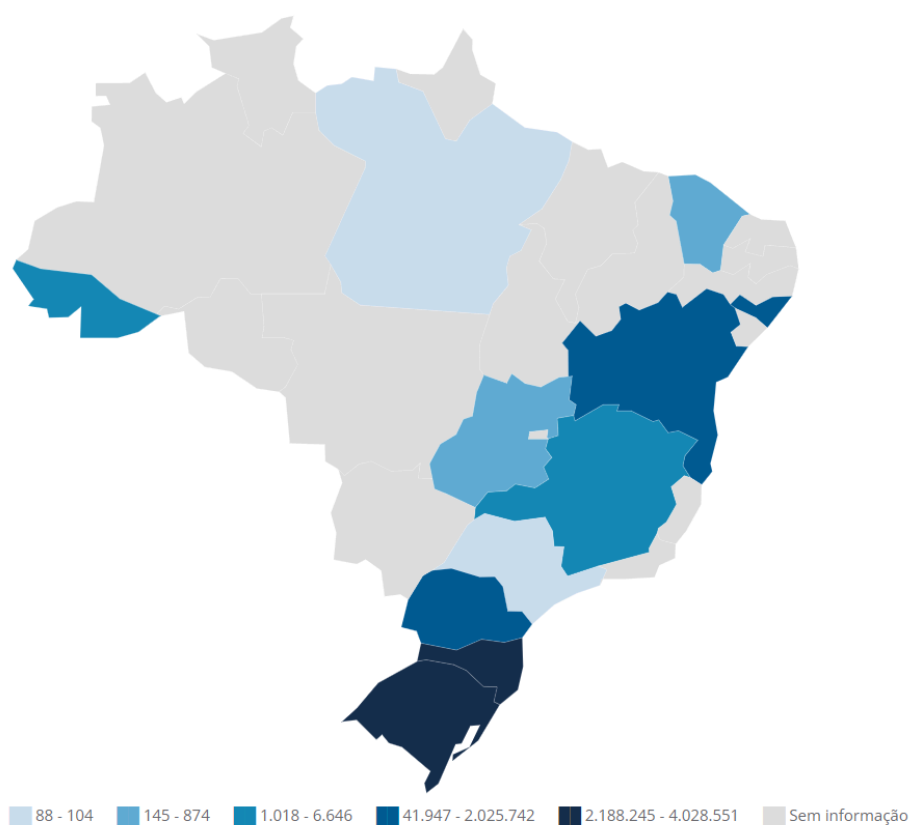
Fonte: SindiTabaco (2023b)

O Brasil exporta atualmente para aproximadamente 107 países estratégicos, sendo a sua maior concentração para a Europa, chegando em torno de 42% da comercialização da *commodity*. Logo em seguida, vem o continente asiático, com 31% da comercialização. Os principais países que puxam a lista de parceiros comerciais são a Bélgica e a China. Os dois países juntos representam cerca de US\$1,033 bilhões de importações do tabaco brasileiro, detendo aproximadamente 38% do montante faturado pelo comércio brasileiro de tabaco no ano, que chegou a marca de US\$2,73 bilhões em 2023. No mesmo ano, o tabaco representou 0,8% do total das exportações brasileiras.

O tabaco que é produzido no Brasil, sobretudo na região Sul do país, é cultivado em pequenas propriedades agrícolas, que colhem o tabaco de modo inteiramente manual através do emprego da força de trabalho das famílias dos

agricultores (Silveira; Dornelles, 2010). A produção de tabaco, assim como já explicitado por Adil (2003), a partir do que SindiTabaco e Afubra estabelecem como Sistema Integrado de Produção de Tabaco (SIPT), é realizada através do chamado sistema de integração. Mediante a um contrato, em cada safra há a formalização da relação comercial entre os agricultores familiares e as empresas multinacionais. Nesse sistema, os agricultores concordam em produzir uma quantidade específica de tabaco conforme as especificações técnicas das empresas. Em troca, as empresas se comprometem a comprar toda a produção dos agricultores, além de fornecer assistência técnica e transporte do tabaco das propriedades.

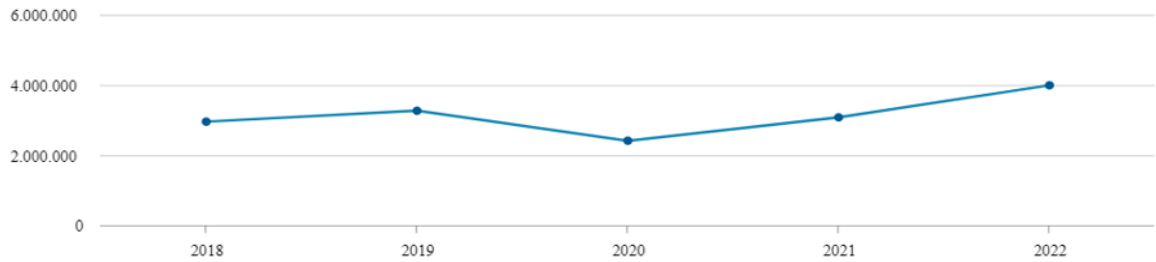
Figura 4 - Valor da produção de fumo em folha nos estados do Brasil em 2022
(em milhares de reais)



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2023)

A *commodity* está distribuída no Brasil em diversos estados, mas centralizada no Sul do país, dentro dos estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. A produção do Paraná e de Santa Catarina juntos chegam a aproximadamente 4,2 bilhões de reais. Apenas no estado do Rio Grande do Sul, o valor da produção passou de 4 bilhões de reais. No caso, dos três principais produtores do Brasil, o segundo e o terceiro colocados juntos se assemelham com o primeiro (IBGE, 2023).

Gráfico 1 - Valor da produção do fumo em folha no RS (em milhares de reais)



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2023)

As propriedades fumuladoras, de forma conservadora, possuem um nível de conteúdo técnico, delimitando no cultivo do tabaco o uso de sementes selecionadas e insumos químicos, como fertilizantes e defensivos agrícolas. Implementam o uso de estufas que curam o tabaco colhido, utilizando principalmente lenha e, em menor medida, energia elétrica. No processo de comercialização da safra, os *players* executam um complexo sistema de classificação das folhas de tabaco, manipulando os tipos e classes das folhas e o valor a ser pago. Buscam viabilizar a extração do sobretabalho dos agricultores, assegurando maiores margens de lucro para as companhias. Após a compra do tabaco dos agricultores, as empresas são responsáveis pelo processamento industrial e pela comercialização junto às fabricantes de cigarros. (Silveira; Dornelles, 2010).

Contudo, medidas legislativas, educacionais e regulatórias antitabagistas foram implementadas no território nacional, e adotou, como já apresentado anteriormente, uma série de medidas antitabagistas abrangentes que incluem a proibição do fumo em locais fechados de uso coletivo, a restrição de propaganda de produtos de tabaco, e a exigência de advertências sanitárias impactantes nas embalagens. O aumento de preços e a incidência de mais impostos sobre os produtos de tabaco foram as ações que mais contribuíram para a redução de seu consumo, em destaque após a reforma tributária de 2011 (Szklo *et al.*, 2017). E por mais que a demanda do cigarro seja inelástica pelos seus consumidores, o aumento dos preços tem como intuito dificultar o seu acesso.

A indústria tabagista, portanto, enfrenta um grande desafio nos últimos anos: o hábito de fumar está cada vez menos popular no país. Através de dados levantados pelo Vigitel (2014), apenas 10,8% dos brasileiros mantêm a prática de fumar, sendo que 12,8% dos homens e 9% entre as mulheres. Tal número representa uma queda de 30% no percentual de fumantes nos anos anteriores ao estudo, tendo em vista que, em 2006, mais de 15% dos entrevistados declararam consumir produtos oriundos da *commodity*.

4 ANÁLISE DO MERCADO DE TABACO DO RIO GRANDE DO SUL

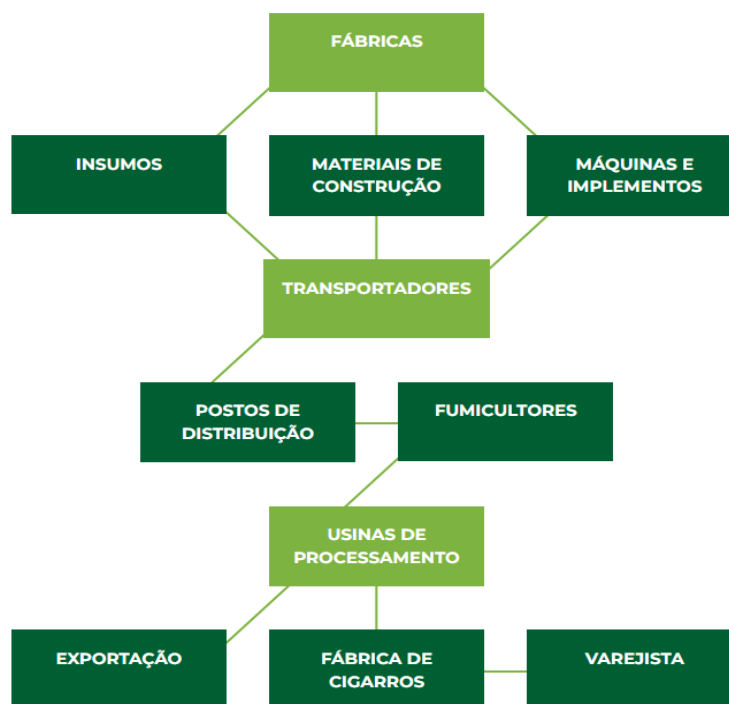
Historicamente, a produção tabagista no Brasil está concentrada na região Sul do país, principalmente a partir do início das atividades da British American Tobacco (BAT), associada à Souza Cruz, se instalou na cidade de Santa Cruz do Sul, bem como outras indústrias ao longo dos anos (Vendruscolo, 2017). Como produtor, o

destaque é o Rio Grande do Sul, simbolizando mais de 40% do cultivo nacional. Ao todo, 192 municípios do estado cultivam tabaco. A área de plantação se estende por mais de 118 mil hectares, ocupando cerca de 65 mil propriedades. O setor impacta positivamente a renda de 260 mil operários do meio rural (Afubra, 2023b)

Atualmente, existem treze empresas que estão operando no Rio Grande do Sul: Alliance One, ATC - Associated Tobacco Company, BAT, Brasfumo, China Brasil Tabacos, CTA – Continental Tobaccos Alliance, JTI Processadora de Tabaco, Philip Morris, Premium Tabacos do Brasil, ProfiGen, Tabacos Marasca, Universal Leaf Tabacos e UTC Brasil. Elas ficam localizadas entre as cidades de Santa Cruz do Sul, ou em Venâncio Aires.

Segundo o SindiTabaco, tais empresas situadas no na região Sul do país, estão organizadas com base no Sistema Integrado de Produção de Tabaco (SIPT), seguindo no seguinte esquema:

Figura 5 - Cadeia produtiva do tabaco na região sul.



Fonte: Associação dos Fumicultores do Brasil (Afubra, 2024c)

A cadeia de produção tabagista sulista está constituída conforme o apontado pela Figura 5. Primariamente, as indústrias produzem os insumos, os materiais de construção e o maquinário que será transportado até os postos de distribuição. Tal produção é absorvida, então, pelos fumicultores da região. A partir desse ponto, o tabaco segue a seguinte rota: após o seu processamento nas usinas competentes, o produto pode ser exportado para seus consumidores na forma final do tabaco, ou ainda, é possível transformá-lo em cigarro, onde as fábricas trituram e enrolam as folhas para encaminhar o artigo ao varejo.

Tabela 1 - Área de Tabaco Plantada no RS por Tipo (em hectares).

RS	2018/19	2019/20	2020/21	2021/22	2022/23
Virgínia	125.104	114.709	116.052	101.195	104.756
Burley	17.162	16.038	14.641	12.437	12.524
Comum	269	281	278	426	395
TOTAL	142.535	131.028	130.971	114.058	117.675

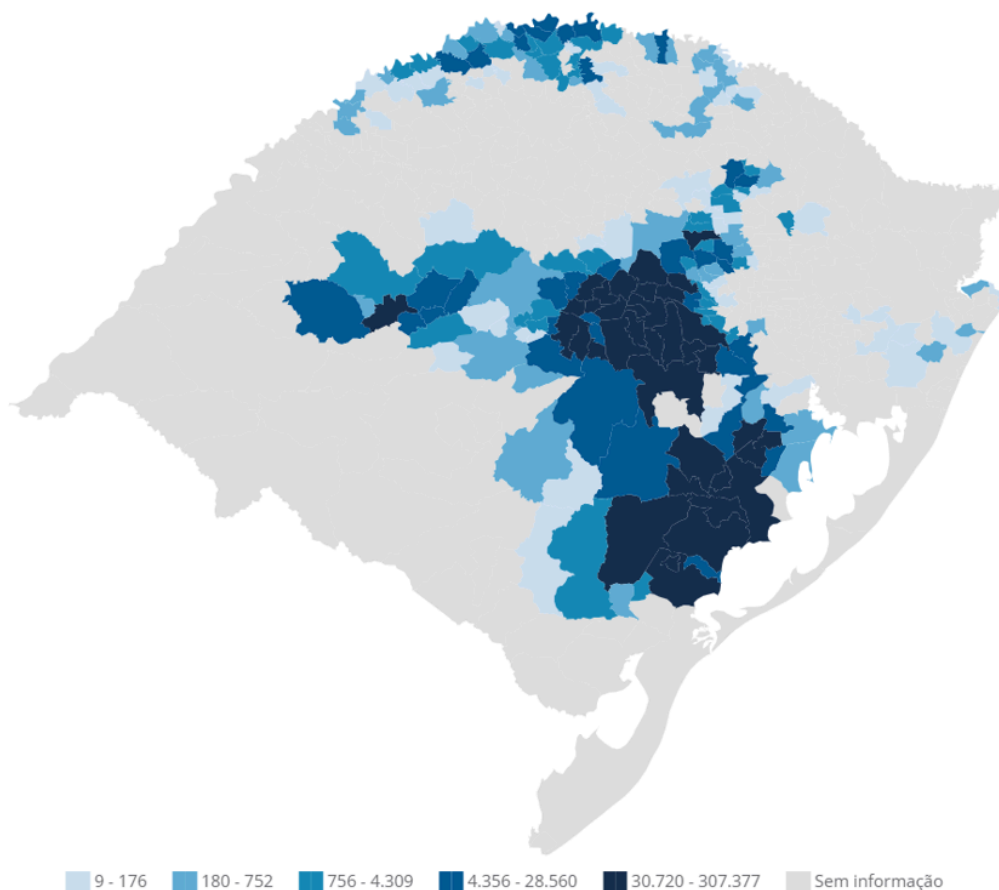
Fonte: Elaborado pelo autor a partir de Sinditabaco (2024e).

A área plantada no estado do Rio Grande do Sul apresentou uma notável redução ao longo do período analisado, com exceção de alguns anos específicos em que houve pequenas recuperações. Em 2022/23, houve uma recuperação frente ao total produzido e nas áreas plantadas com Virgínia, Burley e Comum. O total segue uma tendência de declínio em 2019/20 de 8,1%, e em 2021/22 de 12,9%, com uma pequena recuperação em 2022/23 de 3,2%. O tabaco do tipo Virgínia, na safra 2022/23, participou de em torno de 89% da produção no território gaúcho, tendo um protagonismo relevante frente aos demais tipos de folhas de tabaco (SindiTabaco, 2024e).

Em seu auge, durante a safra de 2004/2005, esta chegou a ultrapassar o patamar de 215 mil hectares. Tal declínio se iniciou a partir do início da década de 2010, muito devido às políticas antitabagistas disseminadas na época. A tributação, bem como a propaganda negativa associada aos produtos derivados do tabaco, contribuíram para o declínio de seu consumo, o que, conseqüentemente, resultou na diminuição da sua produção (Afubra, 2023a).

Entre os principais municípios produtores de tabaco no Rio Grande do Sul, se destaca o município de Canguçu, na região Sul do estado. Com 4.800 produtores produzindo 21 toneladas da cultura durante a safra 2022/2023, esta localidade é a maior produtora nacional do setor. Venâncio Aires, São Lourenço do Sul e Candelária também se sobressaem no âmbito brasileiro.

Figura 6 - Valor da produção no RS em 2022 (em milhares de reais)



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2023)

Conforme demonstrado pela figura acima, a produção de tabaco no Rio Grande do Sul está concentrada, principalmente, na região Centro-Sul do estado, a partir das margens da Lagoa dos Patos e se estendendo em direção à região da Campanha, no interior de seu território. Também é possível observar uma substancial aglutinação da produção tabagista no norte do estado, próximo à divisa com Santa Catarina (IBGE, 2023).

Segundo dados do Centro de Estudos e Pesquisas em Administração (CEPA/UFRGS) realizada em 2023, obtidos através de entrevistas com cultores de tabaco do estado, a renda familiar média de cada propriedade rural, provinda exclusivamente da produção do tabaco, é superior aos R\$9.400,00 mensais. Foi estimado que cada propriedade familiar possui, aproximadamente 3,3 pessoas, o que resulta em uma renda per capita de R\$2.850,00. Tal número é 75% maior que a renda média brasileira (R\$1.625,00 mensais, apurados pelo IBGE).

Muitas vezes, o produtor de tabaco, além de cultivá-lo, realiza outras atividades agrícolas em sua propriedade. No RS, $\frac{1}{3}$ dos entrevistados da pesquisa responderam possuir renda de outras atividades rurais. Exercer outra profissão, não ligada à agricultura, ou possuir renda por outro meio, como aposentadoria, também é uma situação comum aos produtores sulistas. Cerca de 40% dos produtores gaúchos

afirmaram que possuem tal prática. Ao se somar tais fatores na renda bruta de cada família, seu valor sobe para R\$11.500 mensais, ou ainda, R\$138 mil anuais.

A CEPA/UFRGS também buscou informações acerca das motivações para o plantio de tabaco no estado. Para isso, a seguinte metodologia foi utilizada: uma lista de possíveis estímulos relevantes foram apresentados aos entrevistados. Este deveria pontuar, de 1 a 6, o quanto concordava que tal afirmativa era, de fato, um incentivo para a escolha do seu cultivo, sendo “1” (discordo plenamente) a menor nota, marcando 0 pontos e “6” (concordo plenamente), a maior, com o escore de 100 pontos. Assim como disposto na tabela a seguir.

Tabela 2 - Motivos para o cultivo do tabaco no RS (média)

Motivações	Graus de Concordância (*)
Por ser a cultura mais rentável/lucrativa	87,4
Por ter garantia de venda	83,1
Por receber orientação técnica	82,3
Porque ainda tenho idade para continuar plantando	79,1
Por ter terra disponível	79,0
Tradição familiar em plantar tabaco	78,9
Por ter disponibilidade de mão-de obra familiar	73,9
Por possuir tabela de preço negociado	73,6
Utilizar os insumos somente na comercialização do tabaco	73,5
Por existir seguro agrícola	72,1
Porque só tenho esta profissão	67,0
Por ter a quem deixar a propriedade/plantação para seguir o negócio	59,3
Por receber financiamento para investimentos	53,9
Por ter disponibilidade de mão-de obra de terceiros	42,1
Outro	20,2

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de Sinditabaco (2023c).

Das motivações para o plantio de tabaco no estado apresentadas, algumas se destacaram na entrevista: a partir da metodologia de graus de concordância, com 87,4% de relevância, os produtores de tabaco afirmam que optam pelo seu cultivo por ser a cultura mais rentável dentre as alternativas possíveis para a propriedade, tais como a plantação de milho e a criação de gado de corte. Com 83% de importância, os produtores concordam que a venda do tabaco é garantida, evitando gargalos de produção e altos custos com estocagem. Por fim, com interesse de 82%, os entrevistados afirmam que a orientação técnica recebida, auxiliando no plantio do produto, é um dos fatores determinantes para escolha do tabaco como cultura a ser produzida.

Tabela 3 - Atividade Alternativa, Caso Parasse de Plantar Tabaco

Atividade Alternativa	RS (%)
Plantação de milho	54,5
Criação de gado de corte	39,9
Plantação de soja	27
Plantação de feijão	23,7
Outra atividade não agrícola	23,5
Sairia do meio rural	23,5
Produção/cultivo de hortigranjeiros	22,1
Criação de suínos	20,3
Criação de peixes	15,5
Criação de gado de leite	14,7
Criação de aves	13,9
Outro tipo de lavoura	7,7
Plantação de arroz	3,9
Outro tipo de criação	3,2
Outra	0,8

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de Sinditabaco (2023c).

Acerca das condições da propriedade rural onde se concentra a produção de tabaco, os seguintes números foram obtidos através do estudo: 80% possuem alvenaria como o material predominante de sua construção. Todos os domicílios possuem, ao menos, um banheiro ou sanitário, além de possuírem, em sua maioria, acesso à fossa séptica. A existência de água encanada, seja por rede de distribuição, seja por coleta de poços, é predominante em tais propriedades, estando presente em 97% destas. Por sua vez, 96% das casas possuem acesso à energia elétrica via rede geral de distribuição. Outro número relevante é a presença de, no mínimo, um veículo automotor em cada propriedade rural no estado.

Quando perguntados sobre os motivos que fariam os produtores a venderem suas propriedades rurais, fica evidenciado que poucos pensam em tal possibilidade. A situação de maior relevância é uma boa proposta financeira para a venda do terreno (33,9% de grau de concordância). Os dados da CEP/UFRRGS também explicitaram que mais de 85% dos empresários rurais pretendem continuar com o negócio por, no mínimo, mais 5 anos. Embora cerca de 70% dos fumicultores afirmam possuir herdeiros, há uma substancial desconfiança sobre a continuação do ofício pelas próximas gerações. Apenas 42,7% dos entrevistados afirmam, com certeza, que seus pósteros permanecerão no cultivo do tabaco. Dentre as principais motivações para o possível abandono da profissão estão: a busca de alternativas na cidade; o desinteresse pela atividade rural por ser “cansativa e pesada”; o estudo para exercer outras profissões (CEPA/UFRRGS, 2023).

5 PERCEPÇÕES E RESULTADOS APÓS AS CHEIAS NO RIO GRANDE DO SUL

O estado do Rio Grande do Sul enfrentou desafios significativos devido às enchentes que ocorreram em maio e junho de 2024, impactando severamente a economia regional e, em especial, o setor do tabaco. Esta seção tem como objetivo explorar as percepções das comunidades locais após as cheias, bem como analisar os resultados econômicos e produtivos comparados entre as safras de 2022/2023 e 2023/2024.

Serão discutidas as descrições das avaliações preliminares e os acontecimentos relacionados aos produtores e comunidades afetadas pelas enchentes. Esta análise proporciona uma compreensão profunda dos impactos imediatos e das estratégias de resiliência adotadas para enfrentar os desafios impostos pelas condições climáticas extremas. Uma comparação detalhada entre os resultados das safras de tabaco de 2022/2023 e 2023/2024 será apresentada, com foco nas variações de produção, área plantada e produtividade, destacando os fatores que contribuíram para essas mudanças e avaliando o impacto das enchentes na performance agrícola da região.

5.1 PERCEPÇÕES APÓS AS CHEIAS

A Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul (FIERGS) afirmou que as enchentes afetaram aproximadamente 80% da atividade econômica do estado gaúcho, e que os efeitos desta catástrofe natural podem perdurar por muito tempo. As enchentes e alagamentos que atingiram o Rio Grande do Sul em maio de 2024 foram um marco na história do estado, causando diversos prejuízos para os produtores de tabaco. Segundo um levantamento realizado pelo SindiTabaco (2024j), o prejuízo inicial passou da casa dos R\$95 milhões, afetando em torno de quase dois mil produtores.

Segundo Kobiyama *et al.* (2006) e Amaral e Ribeiro (2009), é possível analisar o que aconteceu em centenas de municípios no estado do Rio Grande do Sul. Foi um fenômeno dividido entre: enchentes, inundações e alagamentos. Nos casos próximos aos leitos dos rios, fica-se dividido entre enchentes e inundação, sendo estes diferenciados quando, no primeiro caso, não ocorre o transbordamento dos rios além da sua vazão normal, sobre as áreas próximas a ele. Apesar do rio ficar praticamente cheio, tem-se uma enchente e não uma inundação. Em alguns outros casos, distantes dos leitos de rios, é possível argumentar que o que ocorreu, de fato, foram alagamentos, resultados pela deficiência no sistema de drenagem de tais localidades. Portanto, o termo “cheias” se enquadra melhor para classificar o que assolou o estado gaúcho em maio de 2024, pois o acontecimento englobou os 3 tipos de classificação.

O levantamento disposto pelo SindiTabaco (2024j), apresentou que em torno de 75 municípios produtores de tabaco foram severamente impactados pelas cheias. Ademais, 1.929 propriedades rurais foram impactadas. Entre os municípios mais afetados, destacam-se:

Tabela 4 - Cidades mais prejudicadas no RS em 2024

Cidades	Prejuízo (em milhões)
Venâncio Aires	R\$ 18,30
Candelária	R\$ 16,52
Agudo	R\$ 6,35
Ibarama	R\$ 5,96
Santa Cruz do Sul	R\$ 4,57
Vera Cruz	R\$ 3,83
Paraíso do Sul	R\$ 3,36
Sinimbu	R\$ 2,98
Cruzeiro do Sul	R\$ 2,47
Arroio do Tigre	R\$ 2,45

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de Sinditabaco (2024j).

O município de Venâncio Aires foi um dos mais atingidos em termos valores e Candelária teve muitos produtores prejudicados. Mesmo com as perdas levantadas pelo SindiTabaco, grande parte dos produtores consultados consideram continuar produzindo a *commodity*. Segundo Iro Schünke, presidente do SindiTabaco, para dar condições para os produtores continuarem o seu trabalho para a próxima safra “as empresas associadas prontamente repuseram os insumos necessários para refazer 2.070 canteiros de mudas perdidos, investimento que superou R\$1,6 milhão” (SindiTabaco, 2024j). O mesmo acrescentou que “Estamos confiantes de que a produção de tabaco nas áreas mais afetadas deverá ficar próxima das estimativas projetadas para a safra 2024/25”.

Segundo análises primárias realizadas pelo SindiTabaco (2024j), os principais resultados do levantamento referente às cheias no estado do Rio Grande do Sul são:

- a) 1.929 produtores afetados;
- b) 2.070 canteiros perdidos;
- c) 1.428 hectares de terra agricultável perdidos;
- d) 285 toneladas de fertilizantes perdidos;
- e) 848 toneladas de produção estimada perdida para a safra 2024/25;
- f) danos em estufas: 222 parciais, 129 totais;
- g) danos em galpões: 178 parciais, 87 totais;
- h) danos em domicílios: 140 com perdas de até 30%, 126 com perdas entre 30% e 70%, e 86 com perda total.

As perdas foram significativas para os produtores de tabaco, abrangendo desde estruturas, como estufas e galpões, até a parte mais importante da cadeia produtiva, que seria camada superficial de solo agrícola. Para Schünke, entidades como Emater e Embrapa, são de extrema necessidade neste processo de para orientar tecnicamente os produtores na recuperação das terras agrícolas. Ainda assim, para Schünke, existe a necessidade de políticas públicas para auxiliar os produtores, principalmente na reconstrução de residências e estufas. (Sinditabaco, 2024j)

Para a safra 2023/2024, muitos produtores de diversas regiões estão plantando mais cedo (tabaco de inverno). Isso é preocupante, pois a tendência é o inverno ser chuvoso, o que, combinado com o frio, pode causar prejuízos às lavouras. A perda de mudas e insumos por lixiviação, devido aos grandes volumes de chuvas que a meteorologia está indicando para os próximos meses de agosto e setembro, por exemplo, pode ocasionar grandes estragos. Outro fator que preocupa são as informações sobre um possível aumento de área de plantio, reflexo das boas vendas que aconteceram nas duas últimas safras. É preciso ter cuidado, pois o mercado é rígido e dirigido pela oferta e demanda. Os produtores devem estar cientes de que os resultados das últimas duas safras podem não se repetir na nova safra que se aproxima (Afubra, 2023a).

Segundo Schünke (Sinditabaco, 2024b), as perdas devido às cheias poderiam ter sido ainda maiores. Neste ano ocorreu algo atípico para o setor que foi a compra antecipada da *commodity*. Normalmente, a compra costuma acontecer até o mês de junho, entretanto, devido ter sido produzida uma safra menor e, também, pelo alto preço pago aos produtores, ela já estava praticamente toda comprada e escoada.

O tabaco é o segundo maior produto em exportações no RS, atrás somente da soja em grãos, e contribui para a receita dos produtores, seus municípios e, conseqüentemente, do estado gaúcho. Em maio de 2024, o tabaco já tinha exportado cerca de US\$950 milhões, 34% a mais comparado com o mesmo período de 2023. A expectativa em 2024 do setor é que será exportado em menor volume, em torno de 10% a 15% a menos, devido à safra. Entretanto, espera-se um maior valor exportado em dólares, podendo chegar a até 15% a mais, que no mesmo período do ano anterior. (Sinditabaco, 2024b)

Os números preliminares da safra de tabaco 2023/2024 foram apresentados em junho de 2024 pela AFUBRA durante Reunião da Câmara Setorial da Cadeia Produtiva do Tabaco. Os dados demonstram um aumento na área plantada de em torno 7,07%, totalizando 125,9 mil hectares. Entretanto, mesmo com o aumento na área plantada, a estimativa demonstra que a produção pode ser até 14,38% menor do que na safra passada, totalizando aproximadamente 219,9 mil toneladas. A produtividade da safra 2023/2024 em relação peso/hectare ficará 1.746 kg/há, representando uma redução de 20,05% frente a safra anterior. (Afubra, 2024d)

Segundo dados levantados pela Afubra (2024f), esta redução é em consequência do excesso de chuvas e granizo no período do plantio. Ademais, a safra em sua maioria já havia sido colhida, logo, ainda está se especulando os possíveis danos agravados mediante as cheias. Contudo, os valores em indenizações por conta do granizo e das fortes chuvas na região sul chegaram a um total de R\$216 milhões. Todavia, o faturamento chegou a crescer quase 40% do início para o final do período de comercialização. A nível de produtor, teve um aumento de 13,64% - chegando a 5,2 bilhões de reais.

5.2 RESULTADOS EM COMPARAÇÃO ÀS SAFRAS 2022/2023 E 2023/2024

O estado do Rio Grande do Sul com o decorrer dos anos se consolidou fortemente no mercado nacional. Entretanto, o montante das exportações em 2024, foi 10,8% menor do que no primeiro semestre de 2023. O tabaco teve um papel decisivo para amenizar as perdas dos pequenos produtores e dois fatores foram necessários

para tal: a compra da produção foi praticamente finalizada em abril, devido a uma safra menor, e o alto preço oferecido no mercado que foi pago ao produtor. Em 2023, o tabaco representou 0,8% do total das exportações brasileiras, com US\$2.729 bilhões embarcados.

Segundo análise da FIERGS, com base nos resultados divulgados pela Secretaria de Comércio Exterior do Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços, o tabaco faturou no primeiro trimestre de 2024 o montante de US\$ 611,6 milhões, um crescimento de US\$ 19,5 milhões, 3,3% respectivamente, quando analisado com o ano anterior. Os dados foram influenciados por preços médios 17,1% maiores, pois a quantidade reduziu 10,8%. O ramo mais comercializado foi o de Processamento industrial do tabaco, tendo a China e a Bélgica como destinos principais dos produtos.

Segundo informações levantadas pelo SindiTabaco (2024g) a partir de dados da Secretaria de Comércio Exterior do Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (MDIC/ComexStat), um dos levantamentos apontados durante o primeiro semestre de 2024 foi que 195.261 toneladas de tabaco foram produzidos e exportados, gerando US\$ 1.239.188,00 em divisas. Em comparação com o mesmo período do ano anterior, de janeiro a junho, a exportação da *commodity* demonstrou uma redução de 8,82% em volume do produto e um aumento de 7,65% do faturamento em dólares. No caso, foi exportado menor volume em toneladas, mas em compensação a geração de divisas foi maior.

As exportações no Brasil durante o primeiro semestre de 2024, de janeiro a junho, chegaram a marcos de US\$167,61 bilhões, e o estado gaúcho faturou aproximadamente US\$9,1 bilhões, representando em torno de 5,43%. Em relação às exportações do estado gaúcho, com a comercialização do mercado de tabaco em relação aos valores dispostos, o setor fumageiro representa em torno de 13,6% da exportação do Rio Grande do Sul.

Tabela 5 - Comparativo entre as safras 2022/23 e 2023/24

RS	2022/23	2023/24
Produção (t)	256.947	219.992
Área (ha)	117.675	125.996
Produtividade (kg/ha)	2.184	1.746
Preço kg (R\$)	18,03	23,93

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de Sinditabaco (2024b).

Em um cenário otimista, ao analisar o cultivo do tabaco, o início da produção no estado do Rio Grande do Sul começa por meados de abril, e a colheita por volta de dezembro (SindiTabaco, 2023c). Analisando a safra 2023/2024, o Rio Grande do Sul teve uma queda de 14,4%, finalizando a sua produção em 219.992 toneladas. O estado gaúcho participou com 43,3% na produção sul-brasileira no período, tendo um aproveitamento de 125.996 hectares em área de produção, sendo 7,1% a mais que na safra anterior. Devido aos problemas climáticos, a produtividade ficou 20,1% menor comparando a safra passada. Entretanto, a receita bruta do produtor totalizou aproximadamente R\$11.784 bilhões, 7,3% a mais que a safra de 2023/2024. Os

produtores gaúchos se beneficiaram deste aumento no faturamento bruto, chegando a faturar aproximadamente R\$5.264 bilhões, em torno de +13,6% (Afubra, 2024a)

Segundo informações levantadas pela Federação dos Trabalhadores na Agricultura Familiar do Rio Grande do Sul (FETAG-RS) em julho de 2024, a negociação para a safra após o impacto das cheias no estado gaúcho foi diferente do esperado. As empresas BAT, Universal Leaf e Premium apresentaram propostas que repõem apenas o custo de produção, não contemplando ganho real para os produtores. A Fetag-RS, busca um acordo com empresas dispostas a pagar o custo de produção, juntamente com um reajuste de ganho real de 2,94%, acordo firmado e protocolado em assinatura com a empresa JTI.

A estimativa de produção para a safra 2024/2025 será finalizada no fim do mês de outubro. A previsão apresentada pela Associação dos Fumicultores do Brasil (Afubra) é reforçada por um aumento de plantio da *commodity* após a recuperação do solo. Para os especialistas da área, esse aumento na produção gera medo, pois acreditam que podem ocorrer problemas para o setor, dificultando a comercialização do tabaco produzido no Rio Grande do Sul se houver muita oferta do produto no mercado.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho se propôs a analisar o mercado de tabaco no Rio Grande do Sul, com ênfase na importância econômica do setor no estado do Rio Grande do Sul. Ao longo do estudo, foi possível observar que a produção de tabaco no Brasil, especialmente na região Sul, desempenha um papel crucial na economia nacional e internacional. O tabaco, como uma *commodity* de alta relevância, gera significativos empregos e renda, além de influenciar diretamente a balança comercial do país.

O Rio Grande do Sul destaca-se como o maior produtor e exportador de tabaco do Brasil, sendo responsável por uma grande parcela da produção e exportação nacional. Este fato demonstra a importância do estado na manutenção e crescimento deste setor econômico. No entanto, a vulnerabilidade da produção de tabaco a eventos climáticos graves, como as enchentes que ocorreram em maio de 2024, ressalta a necessidade de políticas públicas que visem à mitigação de riscos e ao suporte aos produtores afetados por desastres naturais.

As análises demonstraram que o mercado de tabaco é caracterizado por um oligopólio, onde poucas empresas dominam a produção e a distribuição global. Este cenário impõe barreiras significativas à entrada de novos competidores, principalmente devido aos altos custos de produção, regulamentações rígidas e estratégias agressivas dos grandes *players*. Apesar disso, o setor continua sendo altamente lucrativo e apresenta oportunidades de crescimento, principalmente no mercado internacional.

O sistema de produção integrado, que oferece suporte técnico e financeiro aos produtores, mostrou-se eficaz na manutenção da qualidade e quantidade da produção de tabaco. No entanto, esse sistema também reforça a dependência dos pequenos produtores em relação às grandes empresas, o que pode limitar a autonomia e a capacidade de inovação desses produtores. As cheias que assolaram o Rio Grande do Sul ressaltaram a fragilidade da agricultura em face de eventos climáticos extremos. A resposta imediata das entidades como a Fetag-RS e a necessidade de negociações

mais justas com empresas como BAT, Universal Leaf e Premium foram questões centrais discutidas. Além disso, o cenário global, com a desaceleração do mercado internacional de tabaco devido a políticas monetárias contracionistas, agravou ainda mais a situação dos produtores gaúchos.

As enchentes de maio de 2024 no Rio Grande do Sul afetaram gravemente a economia do estado, atingindo cerca de 80% da atividade econômica . O prejuízo inicial estimado pelo SindiTabaco foi de aproximadamente R\$95 milhões, impactando cerca de dois mil produtores. Entre os municípios mais afetados, destacam-se Venâncio Aires, Candelária e Agudo, com prejuízos significativos . A resposta rápida das empresas associadas ao SindiTabaco, que repuseram insumos para refazer canteiros de mudas perdidas, vem sendo crucial para a recuperação inicial .

A comparação entre as safras de 2022/2023 e 2023/2024 mostra variações significativas na produção do tabaco, na área plantada e na produtividade, sendo um dos responsáveis pelos impactos dos eventos climáticos. Apesar dos desafios, o setor de tabaco no Rio Grande do Sul demonstra uma capacidade notável de adaptação e recuperação. A continuidade da produção e a manutenção da qualidade do tabaco são essenciais para garantir a competitividade do Brasil no mercado internacional.

As percepções dos produtores após as enchentes revelam um cenário de resiliência e determinação. Mesmo diante de perdas significativas, cerca de 96% dos produtores manifestaram a intenção de continuar na atividade de produção de tabaco, e por confiarem no Sistema Integrado de Produção de Tabaco (SIPT), ou por não estarem dispostos a mudar de área de cultivo, pois já possuem conhecimento técnico e comercialização assegurada. Apesar dos desafios, o setor de tabaco no Rio Grande do Sul demonstra uma capacidade notável de adaptação e recuperação. A continuidade da produção e a manutenção da qualidade do tabaco são essenciais para garantir a competitividade do Brasil no mercado internacional.

Entretanto, o reflexo das cheias ainda será sentido por um tempo que é difícil de precisar, pois a malha produtiva ainda não se estabilizou completamente, devido à interrupção da produção e obstrução de suas vias. Ademais, analisando um possível cenário menos aquecido internacionalmente, resultado de políticas monetárias contracionistas para conter o avanço da inflação, as vendas externas podem ter uma trajetória decrescente.

Em suma, o mercado de tabaco no Brasil, especialmente no Rio Grande do Sul, apresenta-se como um setor robusto e de grande relevância econômica. No entanto, a sustentabilidade a longo prazo do setor depende de um equilíbrio entre o crescimento econômico e a mitigação dos impactos negativos do consumo de tabaco. É fundamental que políticas públicas sejam desenvolvidas para apoiar os produtores em situações de crise e para promover a diversificação econômica, reduzindo a dependência exclusiva do cultivo de tabaco.

REFERÊNCIAS

ADIL, D. F.. **Avaliação da relação produtor-empresa no sistema integrado de produção agrícola na cultura de fumo**. 2003. 99 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Administração) – Escola de Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003. Disponível em <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/3871>. Acesso em: 18 abr. 2024.

AMARAL, R.; RIBEIRO, R. R. Inundações e enchentes. *In*: TOMINAGA, L. D.; SANTORO, J.; AMARAL, R. (org.). **Desastres naturais**: conhecer para prevenir. São Paulo: Instituto Geológico, 2009. cap. 3, p. 39-52.

ASSOCIAÇÃO DE FUMICULTORES BRASILEIROS - AFUBRA. **Relatório de atividades**: 2022/2023. 2023a. Disponível em: https://issuu.com/afubra/docs/relat_rio_de_atividades_2022_2023_issuu. Acesso em: 14 maio 2024

ASSOCIAÇÃO DE FUMICULTORES BRASILEIROS - AFUBRA. **Relatório de atividades**: 2023/2024. 2024a. Disponível em: https://issuu.com/afubra/docs/relato_rio_de_atividades_2024. Acesso em: 30 de jul. 2024

ASSOCIAÇÃO DE FUMICULTORES BRASILEIROS - AFUBRA. **Safra de tabaco 2023/2024 fecha em 508.041 toneladas**. 2024b. Disponível em: <https://afubra.com.br/noticias/12313/safra-de-tabaco-2023-2024-fecha-em-508.041-toneladas.html>. Acesso em: 27 de jul. 2024

ASSOCIAÇÃO DE FUMICULTORES BRASILEIROS - AFUBRA. **Cadeia Produtiva**. 2024c. Disponível em: <https://afubra.com.br/cadeia-produtiva.html>. Acesso em: 12 maio 2024

ASSOCIAÇÃO DE FUMICULTORES BRASILEIROS - AFUBRA. **Câmara setorial do RS realiza reunião**. 2024d. Disponível em: <https://afubra.com.br/noticias/12306/camara-setorial-do-rs-realiza-reuniao.html>. Acesso em: 10 jul. 2024.

ASSOCIAÇÃO DE FUMICULTORES BRASILEIROS - AFUBRA. **Estimativa inicial para a safra 2023/2024 está em 522.857 toneladas**. 2023b. Disponível em: <https://afubra.com.br/noticias/12130/estimativa-inicial-para-a-safra-2023-2024-esta-em-522.857-toneladas.html>. Acesso em: 7 jul. 2024.

ASSOCIAÇÃO DE FUMICULTORES BRASILEIROS - AFUBRA. **Fumicultura mundial**. 2024e. Disponível em: <https://afubra.com.br/fumicultura-mundial.html>. Acesso em: 8 jun. 2024.

ASSOCIAÇÃO DE FUMICULTORES BRASILEIROS - AFUBRA. **Pagamento do auxílio danos às lavouras chega a R\$ 216 milhões.** 2024f. Disponível em: <https://afubra.com.br/noticias/12303/pagamento-do-auxilio-danos-as-lavouras-chega-a-r-216-milhoes.html>. Acesso em: 6 jul. 2024.

ASSOCIAÇÃO DE FUMICULTORES BRASILEIROS - AFUBRA. **Perdas com a enchente superam R\$ 95 milhões aos produtores de tabaco gaúchos.** 2024g. Disponível em: <https://afubra.com.br/noticias/12300/perdas-com-a-enchente-superam-r-95-milhoes-aos-produtores-de-tabaco-gauchos.html>. Acesso em: 5 jun. 2024.

ASSOCIAÇÃO DE FUMICULTORES BRASILEIROS - AFUBRA. **Preços referenciais do tabaco.** 2024h. Disponível em: <https://afubra.com.br/precos-referenciais-tabaco.html>. Acesso em: 11 jul. 2024.

ASSOCIAÇÃO DE FUMICULTORES BRASILEIROS - AFUBRA. **Tabela de preços.** 2024h. Disponível em: <https://afubra.com.br/sys/imprime.php?tabela=2>. Acesso em: 12 jul. 2024.

ARMENDARES, P. E.; SHIGEMATSU, L. M.R. **Política fiscal y control del tabaco: una oportunidad única para beneficiar a la salud pública y al erario. Salud Pública de México**, Cuernavaca, v. 48, supl.1, p.172-176, 2006. Disponível em: https://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0036-36342006000700020. Acesso em:

BELING, R. R. **A história de muita gente: um exemplo de liderança.** Santa Cruz do Sul: AFUBRA, 2006.

BOEIRA, S. L. **Atrás da cortina de fumaça: tabaco, tabagismo e meio ambiente. Estratégias da indústria e dilemas da crítica.** Itajaí: Univali, 2002.

BRASIL. **Lei nº 12.546, de 14 de dezembro de 2011.** Institui o Regime Especial de Reintegração de Valores Tributários para as Empresas Exportadoras (Reintegra); dispõe sobre a redução do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) à indústria automotiva; altera a incidência das contribuições previdenciárias devidas pelas empresas que menciona; altera as Leis no 11.774, de 17 de setembro de 2008, no 11.033, de 21 de dezembro de 2004, no 11.196, de 21 de novembro de 2005, no 10.865, de 30 de abril de 2004, no 11.508, de 20 de julho de 2007, no 7.291, de 19 de dezembro de 1984, no 11.491, de 20 de junho de 2007, no 9.782, de 26 de janeiro de 1999, e no 9.294, de 15 de julho de 1996, e a Medida Provisória no 2.199-14, de 24 de agosto de 2001; revoga o art. 1º da Lei no 11.529, de 22 de outubro de 2007, e o art. 6º do Decreto-Lei no 1.593, de 21 de dezembro de 1977, nos termos que especifica; e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 15 dez. 2011. Disponível em: http://www.in.gov.br/mp_leis/leis_texto.asp?id=LEI%209887.

Acesso em: 29 abr. 2024.

BRASIL. **Lei nº 10.167, de 27 de dezembro de 2000.** Altera dispositivos da Lei nº 9.294, de 15 de julho de 1996, que dispões sobre as restrições ao uso e à propaganda de produtos fumígenos, bebidas alcoólicas, medicamentos, terapias e defensivos agrícolas, nos termos do § 4º do art. 220 da Constituição Federal. Brasília, 2000. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L10167.htm. Acesso em: 5 maio 2024.

BRASIL. **Lei nº 9.294, de 15 de Julho de 1996.** Dispõe sobre as restrições ao uso e à propaganda de produtos fumígenos, bebidas alcoólicas, medicamentos, terapias e defensivos agrícolas, nos termos do § 4º do art. 220 da Constituição Federal. Brasil, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9294.htm. Acesso em: 28 de abr. de 2024.

BRASIL. **Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde.** Departamento de Doenças e Agravos não transmissíveis e Promoção da Saúde. Vigilância de Fatores de Risco e Proteção para Doenças Crônicas por Inquérito Telefônico, Vigitel 2014. Brasília: Ministério da Saúde 2015. 154 p.

BRASIL. **Ministério da Saúde. Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva.** Convenção-Quadro para o Controle do Tabaco. Secretaria Executiva da Comissão Nacional para Implementação da Convenção-Quadro para o Controle do Tabaco; Coordenação de Elaboração Tânia Cavalcante. Rio de Janeiro: Inca, 2015. 59 p.

BUAINAIN, A. M.; SOUZA FILHO, H. M. (coordenadores). **Organização e funcionamento do mercado de tabaco no Sul do Brasil.** Campinas: Editora Unicamp, 2009.

CHALOUPKA, F. J.; WARNER, K. E. **The economics of smoking.** Handbook of health economics, v. 1, p. 1539-1627, 2000.

FETAG-RS. **FETAG.** Negociação do preço do tabaco: Fetag-RS decepcionada com propostas das empresas. [S.l.]. FETAG-RS, 2024. Disponível em: <https://fetags.org.br/negociacao-do-preco-do-tabaco-fetag-rs-decepcionada-com-propostas-das-empresas/>. Acesso em: 31 jul. 2024.

FIERGS. **FIERGS.** [S.l.]. FIERGS, 2024. Disponível em: <https://www.fiergs.org.br/noticia/exportacoes-da-industria-de-transformacao-caem-125-no-rs>. Acesso em: 31 jul. 2024.

FURTADO, C. **Formação econômica do Brasil.** 24. ed. São Paulo: Nacional. 1991.

HILSINGER, R. **O território do tabaco no Sul do Rio Grande do Sul diante da Convenção Quadro para o controle do tabaco.** Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Geografia). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: 2016, 223 p. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/148765/>>.

Acesso em: 28 abr. 2024.

IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios: Tabagismo 2008**. São Paulo: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2009. Disponível em: . Acesso em: 02 abr. 2024.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **IBGE Produção de Fumo**. [S.l.]. IBGE, 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/explica/producao-agropecuaria/fumo/br>. Acesso em: 30 jul. 2024.

INCA. **Controle do tabaco no Brasil. Instituto Nacional de Câncer (INCA)**. Disponível em: <https://www.gov.br/inca/pt-br/assuntos/causas-e-prevencao-do-cancer/tabagismo/controle-do-tabaco-no-brasil>. 2022. Acesso em: 11 jun. 2024.

JACOBS, R; et al. (2000). **"The Supply-side Effects of Tobacco Control Policies"** in Tobacco Control in Developing Countries, Prabhat Jha and Frank Chaloupka editors, pp 311-341, Oxford University Press, Oxford.

JHA, P.; CHALOUKKA, F. J. **The economics of global tobacco control**. 2000. BMJ: British Medical Journal, 321, 7257, 358.

KOBIYAMA, M.; et al. **Prevenção de desastres naturais: conceitos básicos**. Florianópolis: Organic Trading, 2006. 109 p.

NAÇÕES UNIDAS - BRASIL. **Nações Unidas - Brasil**. Tendências de consumo de tabaco 2000-2030. [S.l.]. Nações Unidas, 2024. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/257997-tend%C3%A7%C3%A3o-de-consumo-de-tabaco-2000-2030>. Acesso em: 30 jul. 2024.

NARDI, J. B. **O fumo brasileiro no período colonial**. São Paulo: Brasiliense, 1996.

NASCIMENTO, R. Z. O. **As políticas públicas antitabagistas e os efeitos à competição no mercado brasileiro de cigarro: uma análise crítica para debate**. (Dissertação de Mestrado). Escola de Economia de São Paulo, Fundação Getúlio Vargas, 164 p., 2012. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/9404/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Final%20-%20Publicada.pdf?sequence=1>. Acesso em: 5 jun. 2024.

OEC. **Raw Tobacco (HS: 2401)**. 2024. Disponível em: <https://oec.world/en/profile/hs/raw-tobacco>. Acesso em: 9 jun. 2024.

OMS. **Making a difference, world health report 1999**. Geneva: Organização Mundial de Saúde, 1999.

OMS. **Research for International Tobacco Control**. Report on the global tobacco

epidemic. Geneva: Organização Mundial de Saúde, 2008.

PINDYCK, R S; .RUBINFELD, D. L. **Microeconomia**. 6ª Edição. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2005.

PINTO, M. et al. **Estimativa da Carga do Tabagismo no Brasil**: mortalidade, morbidade e custos. Caderno Saúde Pública, Rio de Janeiro, 31(6): 1286-1297, jun, 2015.

PORTER, M. E. **Competição**: estratégias competitivas essenciais. 8ª Edição. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

ROSS, H.; CHALOUKKA, F. J. **Economic policies for tobacco control in developing countries**. 2006. Salud pública de México, 48, s1, s113-s120.

RUBEM, Ana Paula dos Santos *et al.* O MERCADO DE TABACO NO BRASIL SOB UMA ÓTICA MACROECONÔMICA: UMA ANÁLISE CRÍTICA DAS MEDIDAS ANTITABAGISTAS DE REDUÇÃO DE DEMANDA. **RELATÓRIOS DE PESQUISA EM ENGENHARIA DE PRODUÇÃO**, Niteroi, v. 14, n. B2, p. 11-23, 2014. Disponível em: https://www.producao.uff.br/images/rpep/2014/RPEP_B2.pdf. Acesso em: 31 jul. 2024.

SILVA, L. X. **Análise do complexo agroindustrial fumageiro sul brasileiro sob o enfoque da economia dos custos de transação**. 2002. Tese (Doutorado em Economia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

SILVEIRA, R L. L.; DORNELLES, M. **Mercado mundial de tabaco, concentração de capital e organização espacial**. Notas introdutórias para uma geografia do tabaco. Scripta Nova: Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales, Barcelona, Universidad de Barcelona, v. 14, n. 338, 2010. Disponível em: . Acesso em: 03 de outubro de 2013.

SINDITABACO. **Associadas**. 2024a. Disponível em: <https://www.sinditabaco.com.br/a-entidade/associadas/>. Acesso em: 21 jul. 2024.

SINDITABACO. **Câmara Setorial do Tabaco gaúcha reúne lideranças em reunião extraordinária**. 2024b. Disponível em: <https://www.sinditabaco.com.br/camara-setorial-do-tabaco-gaucha-reune-liderancas-e-m-reuniao-extraordinaria/>. Acesso em: 20 maio 2024.

SINDITABACO. **Dimensão do Setor**. 2024c. Disponível em: <https://www.sinditabaco.com.br/sobre-o-setor/dimensoes-do-setor/>. Acesso em: 30 jun. 2024.

SINDITABACO. **Diversificação**. 2024d. Disponível em: <https://www.sinditabaco.com.br/sobre-o-setor/diversificacao/>. Acesso em: 10 jul. 2024.

SINDITABACO. **Estatísticas.** 2024e. Disponível em:
<https://www.sinditabaco.com.br/sobre-o-setor/estatisticas/>. Acesso em: 25 jun. 2024.

SINDITABACO. **Exportações.** 2023a. Disponível em:
<https://www.sinditabaco.com.br/sobre-o-setor/exportacao/>. Acesso em: 8 jul. 2024.

SINDITABACO. **Exportações em alta.** 2024g. Disponível em:
<https://www.sinditabaco.com.br/item/exportacoes-em-alta/>. Acesso em: 12 jul. 2024.

SINDITABACO. **Infográficos.** 2023b. Disponível em:
<https://www.sinditabaco.com.br/sobre-o-setor/infograficos/>. Acesso em: 18 jul. 2024.

SINDITABACO. **Origem do Tabaco.** 2024i. Disponível em:
<https://www.sinditabaco.com.br/sobre-o-setor/origem-do-tabaco/>. Acesso em: 22 jun. 2024.

SINDITABACO. **Perfil Socioeconômico do Produtor de Tabaco da Região Sul do Brasil.** 2023c. Disponível em:
<https://www.sinditabaco.com.br/sobre-o-setor/perfil-socioeconomico/>. Acesso em: 28 jun. 2024.

SINDITABACO. **Perdas com a enchente superam R\$ 95 milhões aos produtores de tabaco gaúchos.** 2024j. Disponível em:
<https://www.sinditabaco.com.br/perdas-com-a-enchente-superam-r-95-milhoes-aos-produtores-de-tabaco-gauchos/>. Acesso em: 21 jul. 2024.

SINDITABACO. **SindiTabaco News:** janeiro a abril 2024. 2024k Disponível em:
<https://www.sinditabaco.com.br/imprensa/press-kit-e-publicacoes/>. Acesso em: 2 jul. 2024.

SINDITABACO. **Sistema Integrado.** 2024. 2024l. Disponível em:
<https://www.sinditabaco.com.br/sobre-o-setor/sistema-integrado/>. Acesso em: 4 jul. 2024.

SZKLO A., Y. Z., L. D. **Update and extension of the Brazil SimSmoke model to estimate the health impact of cigarette smoking by pregnant women in Brazil.** Cad Saúde Pública 2017.

VENDRUSCOLO, R. **Instituições e Críticas na Fumicultura do Rio Grande do Sul:** mudanças e reafirmações institucionais. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2017. Disponível em:
<<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/172447/>>. Acesso em: 28 abr. 2024.

VISCUSI, W. K. **Cigarette taxation and the social consequences of smoking.** National Bureau of Economic Research, 1994.

APÊNDICE A — FOLHA DE APROVAÇÃO

DYONAN DANIEL DE CASTRO LOUREIRO

ANÁLISE SOBRE O MERCADO DE TABACO: NO RIO GRANDE DO SUL

Trabalho de conclusão submetido ao Curso de Graduação em Ciências Econômicas da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título Bacharel em Economia.

Aprovada em: Porto Alegre, 14 de agosto de 2024.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Leonardo Xavier da Silva – Orientador
UFRGS

Prof. Dra. Letícia de Oliveira
UFRGS

Prof. Dr. Mateus Dhein Dill
UFRGS

APÊNDICE B — AGRADECIMENTOS

Gostaria de começar agradecendo a todos que contribuíram ao longo da minha jornada acadêmica. Quero que saibam que essa conquista não é só minha, e que tenho muito orgulho de dizer que estou escrevendo o meu nome na história da melhor universidade do país.

Primeiramente, agradeço à minha mãe, meus irmãos e a minha família, que sempre foram minha base e me apoiaram antes mesmo do início desta caminhada. Foram momentos de muita resiliência, e vocês me ajudaram a me manter de pé. A presença, o amor e a confiança depositados em mim foram essenciais para que eu pudesse chegar até aqui. Muito obrigado por terem acreditado no meu sonho.

E como não agradecer a pessoa que mais me tirou da zona de conforto nesses últimos anos, e fez eu enxergar qual era o meu real sonho de ter entrado no curso de ciências econômicas. A minha baixinha, Ana Luiza, que não foi só a minha melhor amiga nesse momento, mas minha parceira e minha companheira, quero lhe agradecer por tudo. Se a minha família foi responsável por me apoiar no início desta trajetória, você foi o ponto crucial para o final desta etapa da minha vida.

Um agradecimento especial aos meus amigos, tanto aqueles que conheci durante a universidade quanto aos que torceram por mim antes mesmo de eu entrar. A nossa amizade foi crucial para manter o equilíbrio durante essa jornada. E, por isso, sou grato também a todas as pessoas que cruzaram o meu caminho ao longo desses anos de formação. Cada um de vocês contribuiu para a construção do ser humano que sou hoje, e por isso, sou eternamente grato.

Agradeço aos professores da Faculdade de Ciências Econômicas (FCE) por todo o conhecimento compartilhado e pelo comprometimento com a minha formação acadêmica. Os seus ensinamentos e dedicação foram fundamentais para o meu desenvolvimento. E gostaria de agradecer em especial o meu orientador, Leonardo Xavier da Silva, por seu inestimável apoio e orientação durante o curso e na elaboração deste trabalho. Agradeço de coração por todos os seus conselhos, comentários e, principalmente, pelo valioso conhecimento compartilhado, que foi essencial para a elaboração e conclusão deste projeto.

Também quero expressar minha gratidão à Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) pela oportunidade de estudar na melhor faculdade do país. A experiência acadêmica e pessoal proporcionada por esta instituição foi inestimável.

E, por fim, quero agradecer a mim mesmo por nunca ter desistido, mesmo diante das dificuldades encontradas ao longo da minha vida pessoal e acadêmica. Essa jornada foi desafiadora, mas a persistência e a determinação foram essenciais para a conclusão de mais esta etapa, de muitas que ainda virão.

Muito obrigado a todos.